

O ensaio biográfico e Gabriela Mistral: Sor Juana Inés de la Cruz

Julio Aldinger Dalloz

Ao ser entrevistada em 1931, Gabriela Mistral assim se expressa:

...Ríase Ud.; hago ahora periodismo intenso. Seis artículos al mes. Escribo para La Nación de Buenos Aires, para el ABC de Madrid, para El Universal de Caracas, para El Mercurio de Santiago y para otros periódicos iberoamericanos. El trabajo para los periódicos me ocupa prácticamente todo el tiempo. Sin embargo, antes de morir deseo y debo publicar un volumen de páginas escogidas, porque Dios sabe lo que se le ocurriría publicar a los editores una vez que haya muerto.¹

Em seu importante *Pensamiento y forma en la prosa de Gabriela Mistral*, Luis de Arrigoitia, na parte dedicada a Siglas y abreviaturas (p.357-360), parece materializar a frase com a qual Mistral desenha sua figura de jornalista de tempo integral.

Se, no resumo de sua atividade, a escritora elenca três jornais hispano-americanos e um espanhol, Arrigoitia declina o abecedário quase em sua totalidade, pois somente escapam à enumeração as letras J, K, O, X e Y.

De A de *Atenea* (Concepción, Chile), passando por *Estafeta Literaria* (Madrid), *El Nacional* (Caracas), *Revue de l'Amérique Latine* (Paris), Sur (Buenos Aires), chegando finalmente à última letra do alfabeto com *Zig-Zag* (Santiago de Chile), pode-se não só apreender a expressiva cifra de cem títulos de jornais e revistas, como também contextualizar a tentativa de humor mistraliano, expressa no ríase Ud, em sua relação com a enfática afirmativa: “El trabajo para los periódicos me ocupa prácticamente todo el tiempo”.

Por essa época (1931), Gabriela Mistral já havia iniciado sua errância: tinha vivido praticamente dois anos em terras mexicanas, tinha feito sua primeira viagem à Europa e iniciara sua carreira internacional de professora e conferencista nos Estados Unidos da América. Já havia vivido 42 anos. Assoma, então, em sua entrevista, a possibilidade da morte (“antes de morir deseo y debo publicar un volumen de páginas escogidas”) e a dúvida quanto ao destino que seria dado aos seus escritos em prosa. Pode-se afirmar que unicamente um livro de prosa passou pelo crivo de sua autora: trata-se de *Lecturas para mujeres*, publicado durante sua vida, em 1923, no México.

No prólogo a *Recados: Contando a Chile*, publicado em 7 de outubro de 1957, nove meses após a morte de Mistral, seu compilador, Alfonso M. Escudero, aponta o fato de que, até então, a prosa mistraliana permanecia quase inexplorada. Quase nove anos depois se publicam *Motivos de San Francisco*, com seleção e prólogo de César Díaz-Muñoz Cormatches e *Páginas en prosa*, com seleção, estudo preliminar e notas de José Pereira Rodríguez, ambos em 1965. Treze anos se interpõem entre estas publicações e uma expressiva produção no final dos anos 70: *Cartas de amor de Gabriela Mistral*, com introdução, compilação, iconografia e notas de Sérgio Fernández

Larraín; *Gabriela anda por el mundo* e *Gabriela piensa en...*, ambos com seleção e prólogo a cargo de Roque Esteban Scarpa; *Prosa religiosa de Gabriela Mistral*, com introdução e seleção de Luis Vargas Saavedra; *Recados para América*, com seleção e apresentação de Mario Céspedes G.; *Elogio de las cosas de la tierra* e *Grandeza de los oficios*, ambos com seleção e prólogo de Roque Esteban Scarpa e, finalizando a relação, *Croquis mexicanos*, com seleção e prólogo de Alfonso Calderón. Nos anos 90, lançam-se Gabriela Mistral. Escritos políticos (1994), com seleção, prólogo e notas de Jaime Quezada e *Recados para hoy e mañana*. Gabriela Mistral (1999), textos inéditos compilados e selecionados por Luis Vargas Saavedra.

Pelo exposto, verifica-se que a publicação da prosa mistraliana atinge seu clímax nos anos 70, com o aparecimento de oito títulos; todos os volumes comportam apresentação, prólogo ou introdução dos seus selecionadores. Nenhuma dessas obras passou pelo crivo de Mistral, morta em 1957, cabendo, portanto, uma volta à dúvida expressa por ela quanto ao destino que teria sua obra em prosa: "Dios sabe lo que se le ocurriría publicar a los editores una vez que haya muerto".

O zelo expresso por Mistral, quanto à edição de sua obra em prosa, a partir do momento de sua morte, justifica-se plenamente, obtendo, em contrapartida, uma empenhadíssima atenção de seus compiladores. Não cabe aqui questionar a escolha dos textos que compõem os volumes, pois se trata de uma questão idiossincrásica, mas sim, em eco com Gabriela Mora, questionar a inexistência, até agora, da obra completa de Gabriela Mistral².

O conjunto de textos em prosa, escritos por Mistral, durante as duas temporadas em que viveu no México (1922-1923 e 1948-1950) ou, então, quando se encontrava em outros lugares, cumprindo suas funções diplomáticas, foi enfeitado por Alfonso Calderón no volume intitulado *Croquis Mexicanos*, publicados em 1979, para que "el duradero del volumen substituísse el efímero y recluso del archivo".

Com o título de "Figuras de la colonia mexicana: Sor Juana Inés de la Cruz", publicou-se em *El Mercurio*, em 16/09/1923 e, nos anos 50, em pontos extremos da América Hispânica: em *La Nación*, Buenos Aires, em 19/02/1950; em *El Mundo*, em São João de Porto Rico, em 19/04/1950.

Em 1979, o primoroso trabalho de pesquisa de Alfonso Calderón torna possível sua publicação em *Croquis Mexicanos*, com o título simplificado para "Silueta de Sor Juana Inés de la Cruz", ensaio com caráter biográfico.

Para Mistral, a importância da biografia reside em seu poder de formar consciência e revelar a vocação verdadeira³, ocupando um lugar predominante em suas idéias sobre a auto-educação; acredita que é imprescindível que o aluno tenha a seu dispor

Biografías sin erudición (esas que parecen un coloquio) de nuestros héroes y de los ajenos, pues el género plutarquiano sigue siendo el primero para educar hombres y consolar a las almas solas.⁴

A biografia é o modo que lhe permite aproximar-se dos seres desaparecidos, dos homens do passado histórico, dos quais retira sua exemplaridade e as transforma em modelos.

Segundo Arrigoitia, suas biografias nascem de um contacto direto com o biografado, a leitura de suas obras ou de outra biografia⁵.

Assim, a Silueta de Sor Juana, incluída em *Lecturas para mujeres*, e posteriormente em *Croquis Mexicanos*, se apresentava às jovens leitoras da “escuela-hogar” como um modelo de mulher mexicana, no qual se reuniam beleza, inteligência, sensibilidade, capacidade criadora e ascetismo.

O texto mistraliano se constrói sobre *Juana de Asbaje*⁶, de Amado Nervo, e sobre três telas⁷ em que três pintores diferentes retrataram Sor Juana Inés de la Cruz, incluídas no livro do mexicano que divide a sua obra em quatorze partes: I. Cómo vivió en el siglo; II. Cómo vivió en el claustro; III. Una conversación con Sor Juana; IV. ¿Podemos llamar genial a Sor Juana?; V. Su misterioso y casto amor; VI. Sor Juana y la condesa de Paredes; VII. La difícil facilidad de Argensola; VIII. Sor Juana, música; IX. El humorismo de Sor Juana; X. El teatro de Sor Juana; XI. Las prohibiciones de estudiar; XII. La crisis; XIII. Fervor y penitencia de Sor Juana; XIV. Su muerte.

Mistral recorta as quatorze partes do texto de Nervo em sete partes que aparecem encabeçadas por frases grifadas não numeradas: Nace entre los volcanes; Era llena de gracia; Sed de conocer; Un aguijón bajo las tocas; El ademán de apartamiento; Sor Juana, monja verdadera; La muerte.

Assim tem início a Silueta de Sor Juana: **Nace entre los volcanes.**

O primeiro capítulo de *Juana de Asbaje* é antecedido por uma epígrafe: Y entre dos montes fué su primer lloro, verso anônimo (p.19). A seguir quem fala no texto de Nervo é o padre Calleja: cronometra o tempo vital de Sor Juana (“cuarenta y cuatro años, cinco meses, cinco días y cinco horas” - p.19) e situa Neplanta, sua cidade natal, entre dois montes, um “cubierto de sucesivas nieves”, o outro de onde emana “perenne fuego” (p.20).

Retoma Nervo a voz narrativa: “Yo no quiero olvidar jamás cierta noche de miércoles santo, en que, yendo para Cuautla, una avería de la locomotora nos obligó a quedarnos tres horas en Neplanta” (p.20-21). E acrescenta: “La transparencia de la atmósfera, extraordinaria, daba a los astros la ilusión de una proximidad emocionante” (p.21)

Emociona-se Nervo, ao pensar que ali havia nascido Sor Juana, contemplando “la coraza azulada del Ixtaccihuatl”, tentando encontrar a “bien capaz alquería” de que falou o padre Calleja. Termina o conserto da locomotiva, Nervo parte, parecendo-lhe que seu espírito “volvía de un extásis de siglos a las vanas fatigas de la vida” (p.22).

É a voz de certa Paronomasia, alusiva ao nascimento de Sor Juana, que completa a descrição dos montes citados por Calleja e Nervo: “Dos montes había: uno que se liquidaba en arroyos de oro, otro que se vertía en ríos de plata...”, respectivamente, o Popocatepetl e o Ixtaccihuatl.

Retome-se o texto de Mistral: “**Nace entre los volcanes.** Nació en Neplanta; la recortaban el paisaje familiar los dos volcanes: le vertían su mañana y le prolongaban la última tarde.” (p.83)

Os dois vulcões, então, elementos da natureza, servem a Mistral para caracterizar o aspecto moral de Sor Juana: “...es el Iztaccihuatl de depurados perfiles, el que influye en su índole...” (p.83), excluindo a violência, representada pelo outro vulcão, em plena atividade no século XVII, como característica do temperamento de Sor Juana.

No segundo parágrafo, então, Mistral indica uma das fontes utilizadas, para retirar da sombra a silhueta de Sor Juana: “Dice Nervo que la atmósfera en ese pueblo es extraordinariamente clara” (p.83).

A segunda parte inicia-se com **Era llena de gracia.** A seguir:

“Esta luz de meseta le hizo aquellos sus grandes ojos rasgados para recoger el ancho horizonte. Y para ir en la atmósfera sutil, le fue dada esa esbeltez suya que, al caminar, era como una reverberación fina de luz solamente.” (p.83 - grifos nossos)

Descreve Mistral a monja mexicana a partir de algumas pinturas que dela se fizeram; neste caso, utiliza-se da primeira reprodução de uma dessas telas, de Juan de Miranda, encontrada no livro de Nervo, na segunda página; grandes olhos rasgados se associam ao horizonte, imagem que explicita a imensa vontade de conhecimento que dá forma ao caráter da monja; todas as demais características morais como, por exemplo, sua determinação, são captadas através da análise da natureza, feita por Mistral, em relação com o retrato: “no hay vaguedad de ensueño en las pupilas de sus retratos”. A análise do quadro natural, Neplanta, diz: “No tiene su pueblo la vaguedad de las nieblas vagabundas”, (p.83); outro dado relativo ao caráter, o pensamento claro, é extraído da natureza: “Son ojos que han visto en la claridad de su meseta destacarse las criaturas y las cosas con contornos netos” (p.83).

Baseada na tela de Andreus ab Islas, de 1772, a terceira reproduzida em Juana de Asbaje, Mistral pode dizer: “El cuello delgado, parecido al largo jazmín; por el no subía una sangre espesa; la respiración se sentía muy delicada a su través.” (p.84)

Uma outra tela, de Miguel Cabrera, a segunda reproduzida no livro de Nervo, em que a monja foi retratada em sua cela, no convento de São Jerônimo, presta-se a uma leitura de intertexto pictural:

Los mamotretos sabios en que estudiaba, acostumbrados a tener sobre sí la diestra amarilla y rugosa de los viejos eruditos, debían sorprenderse con la frescura de agua de esa mano...”(p.84)

A segunda parte do texto mistraliano não só difere do livro de Nervo, quanto a esta descrição tão esmerada da beleza física de Sor Juana, praticamente inexistente em *Juana de Asbaje*, como também reelabora dois capítulos desta obra, pois salta da descrição do local de nascimento ao período em que a mexicana já havia feito seus votos, vivendo no Convento de São Jerônimo.

Sed de conocer é a frase que encabeça a terceira parte na qual Mistral apresenta as três etapas vitais de Sor Juana: a infância cuja fonte é inegavelmente “Como vivió en el siglo”, primeiro capítulo de *Juana de Asbaje*: “Fue primero el niño prodigio que aprende a leer, a escondidas, en unas cuantas semanas...” (p.84); a adolescência/ a juventude cuja fonte é ainda “Como vivió en el siglo”: “...y después la joven desconcertante, de ingenio ágil como la misma luz, que dejaba embobados a los exquisitos comensales del Virrey Mancera” (p.84); a fase intermediária entre a juventude e a maturidade cuja fonte são os capítulos “Como vivió en el claustro” e “Sor Juana y la condesa de Paredes”: “Más tarde es la monja sabia, casi única en aquel mundo ingenuo y un poco simple de los conventos de mujeres.” (p.84). Nesta última etapa, Mistral enfatiza a sede de conhecimento de Sor Juana: “Su Musa es la justeza, una exactitud que casi desconcierta; su Musa es el intelecto solo, sin la pasión.”

Un aguijón bajo las tocas inicia a quarta parte, cujas fontes são os capítulos do livro de Nervo “El humorismo” e “La condesa de Paredes”:

No hay que asombrarse demasiado de esta alianza de la ironía con el sayal: también la tuvo Santa Teresa; era su invisible escudo contra el mundo tan denso que se movía a su alrededor: monjas obtusas que solían recelar de la letrada y veían el cuerpo del demonio asomado entre los libros de la formidable estantería. Se olvidaban de otras celdas ilustres: la de los dos Luises españoles. Pero en la abeja rubia y pequeña el aguijón se embellece porque el mismo instrumento que punza fabrica la miel. (p.85)

El ademán de apartamiento é a frase inicial da quinta parte. Mistral se pergunta, apoiando-se em suposições que o livro de Nervo recolhe em “Misterioso y casto amor”, 5º capítulo: “¿Amó alguna vez de amor?” (p.87), e reescreve-as em seu texto: “¿Por qué entró al claustro?” Por “desengaño de amor” ou “por resguardar su juventud maravillosa”. E argumenta:

Tal vez no fué éste sino un gesto como el de quien desecha una masa viscosa, el mundo, por denso y brutal; y pone sus pies sobre esa piedra blanca y pura de un convento. No le alcanzarán así los brazos con apetito, de la multitud, de la plebeya ni de la cortesana. (p.85)

Entretanto, como é notório, Sor Juana freqüentou a corte de vice-reis, o que invalidaria a argumentação acima citada. Para Mistral a resposta é: “Por exceso de sensibilidad se apartó. Su actitud aparece más estética que mística.” (p.85 - grifos nossos). E mais adiante afirma: “Para Sor Juana, hambrienta de conocimiento intelectual, es bueno que los ojos ciñan bien el contorno de las cosas”. (p.86).

Então, esta parte reforça a terceira e encaminha a análise biográfica de Mistral para o ponto fulcral de seu ensaio que é o problema da vivência da fé, a “llama del

amor”, o único conhecimento, cuja análise se desenvolve na quinta parte, **Sor Juana, monja verdadera**.

Completa, assim, a chilena a nomeação das etapas da vida da monja mexicana, é esta a fase da maturidade definitiva. Reelabora nesta ocasião o 13º capítulo do livro de Nervo, “Fervor y penitencia”.

Em *Juana de Asbaje*, as proibições impostas a Sor Juana pelos seus superiores, quanto à aquisição do conhecimento, do saber são indicadas nos capítulos “Las prohibiciones” e “La crisis”. Nervo assume uma atitude benevolente, quanto à punição aplicada pelo bispo de Puebla a Sor Juana, que com sua enérgica admoestação põe fim a sua atividade especulativa, sobre teologia, assunto impensável para uma mulher na patriarcal sociedade mexicana. Mistral, contrariamente a Nervo, omite o problema das proibições e centra sua análise na exemplaridade do conhecimento da fé cristã⁸

Intertextualizando a forma dos “versos recolectivos”, mas em prosa, procedimento tão grato aos poetas espanhóis do(s) “Siglo(s) de oro”, Mistral encerra o seu texto iluminando, mais uma vez, a mensagem estética mais verdadeira de Sor Juana:

Milagrosa la niña que jugaba al pie de los volcanes en las huertas de Neplanta; casi fabulosa la joven aguda de la corte virreinal; admirable la monja docta, pero grande por sobre todas, la monja que, liberada de la vanidad intelectual, olvida fama y letrillas, y sobre la cara de los pestosos recoge el soplo de la muerte y muere vuelta a su Cristo como a la suma belleza y la apaciguadora Verdad. (p.87)

O paradigma “sou mulher e escrevo para mulheres” que sustenta toda a argumentação da prosa mistraliana, seja no seu ensaio introdutório a *Lecturas para mujeres*, seja no texto analisado de *Croquis mexicanos* não constitui tautologia, mas demonstra a aguda percepção crítica que Mistral tem do que é ser mulher e do que é escrever para mulheres, no tempo em que viveu.

Ser mulher, escrever para mulheres conforma uma atitude extremamente vanguardista em termos de produtividade literária, pois, pela primeira vez, nos anos 20, a mulher ocupa a posição de tema e sujeito no ensaio hispano-americano: uma mulher escreve para mulheres e a mulher é o centro de suas indagações e perplexidades.

BIBLIOGRAFIA

ARRIGOITIA, Luis de. Pensamiento y forma en la prosa de Gabriela Mistral. Río Pedras, Puerto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1989.

BERGMANN, E.L. Sor Juana Inés de la Cruz: Dreaming in a Double Voice. In: WOMEN, CULTURE, AND POLITICS IN LATIN AMERICA: Seminar on Feminism and Culture in Latin America. Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1989. p.151-172.

MISTRAL, Gabriela. Magisterio y niño. Selección de prosas e prólogo de Roque Esteban Scarpa. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1979.

-----, Croquis Mexicanos. Selección y prólogo de Alfonso Calderón. Santiago: Editorial Nascimento, 1979.

-----, Lecturas para mujeres. Gabriela Mistral (1922-1924) por Palma Guillén de Nicolau. 7. ed. México: Editorial Porrúa, 1988.

MORA, Gabriela. La prosa de Gabriela Mistral. Escritura, Caracas: 16 (31-32): 193-203, ene.-dic., 1991.

NERVO, Amado. Juana de Asbaje (contribución al centenario de la Independencia de México). In: ---. Obras completas de Amado Nervo. v.VIII. Madrid: Biblioteca Nueva, 1920.

NOTAS

¹ Citado em : ARRIGOITIA, op.cit., p.18.

² MORA, G. Escritura, 16 (31-32), 1991, p.194: Aquí nos proponemos ilustrar con la palabra de la autora, algunas facetas de su escritura que amplían o corrigen esa semblanza, insistiendo al mismo tiempo en el carácter provisional e incompleto que tendrá cualquier examen mientras no se tenga de verdad la obra completa de Gabriela.

³ ARRIGOITIA, op.cit., p.195.

⁴ MISTRAL, G. Divulgación de principios de las escuelas nuevas. In: ---. Magisterio y niño, p. 173-174.

⁵ Op.cit., p. 196.

⁶ NERVO, A. Juana de Asbaje, 1920. Todas as citações terão por base esta edição e terão suas páginas indicadas no corpo da análise.

⁷ Cf. Apêndice: Tela 1, de Juan de Miranda; Tela 2, de Miguel Cabrera; Tela 3, de Andreus ab Islas.

⁸ Cf. a este respeito: BERGMANN, E.L. Sor Juana Inés de la Cruz: Dreaming in a Double Voice. In: Woman, Culture, and Politics in Latin America, 1990, p. 151-172, em que há uma penetrante análise de Primero Sueño. Embora omitindo o capítulo das proibições, em La Muerte, Mistral não obscurece o ser multidimensional de Sor Juana como mulher: “Como ella se anticipó a su época, con anticipación tan enorme que da estupor...” p.87.